

Camões, Cesário e o coro

JORGE FERNANDES DA SILVEIRA
Prof. de Literatura Portuguesa da
Faculdade de Letras da UFRJ

1. Há exatamente 100 anos, no Porto, a 10 de junho de 1880, um poeta publicou no *Jornal de Viagens* um poema em comemoração ao III Centenário da Morte de Camões. O poeta se chama Cesário Verde, o poema “O Sentimento Dum Ocidental”. De sua sorte e poesia lamenta o Autor:

*Uma poesia minha, recente, publicada numa folha bem impressa, limpa, comemorativa de Camões, não obteve um olhar, um sorriso, um desdém, uma observação! Ninguém escreveu, ninguém falou, nem um noticiário, nem uma conversa comigo · ninguém disse bem, ninguém disse mal! (. . .) literalmente parece que Cesário Verde não existe.*¹

Nos nossos dias Cesário ficaria espantado com a fortuna crítica d’*O Livro de Cesário Verde*. Façamos então uma dupla homenagem: por intermédio da presença do poeta do século XIX, venho marcar minha presença hoje, aqui, nesta homenagem a Camões.

Inumerável é a literatura crítica camonianiana, tanto os camonistas e, sobretudo, tendo eu como área de interesse maior e de trabalho efetivo em Literatura Portuguesa os poetas do último século e do presente, a minha participação se restringe às leituras do texto épico de Camões por esses autores. Em suma, não pretendo falar isoladamente da obra de Camões, mas sim da inscrição, das marcas lingüísticas que ela deixou em poetas portugueses que a lêem obsessivamente. Esses também são muitos. Uma seleção, portanto, faz-se necessária. Ao lado de Cesário, apenas um coro de três poetisas que no início dos anos 60 tiveram um destino literário comum, através da publicação de *Poesia 61*: Maria Teresa Horta, Luiza Neto Jorge e Fiamma Hasse Pais Brandão.

2. Não há dúvida de que *Os Lusíadas* sejam um desses raros momentos de síntese no conflito entre História e Literatura, de que sejam um texto padrão, um marco na poética de todos os tempos.

Por isso, não há dúvida de que *Os Lusíadas* sejam também um texto terível. Porque verdadeiro clássico, fizeram-no modelo, o transformaram em limiar e limite para a literatura de língua portuguesa: o termo de comparação, o lugar assinalado, o verbo absoluto. Em síntese, um texto exemplar.

Leitor de poetas-leitores de Camões, organizo a minha leitura com o respeito devido aos clássicos, me esforçando contudo para lhes apresentar um outro Camões, o que insiste na contínua circulação dos seus versos, nas diferentes versões que o interpretam; homenagem que pode ser entendida como uma espécie de exorcismo: amor e horror face a uma figura exemplar.

Tomando Cesário como ponto-de-partida, na lírica portuguesa moderna tem interesse um estudo sobre as “epopéias sumárias” que se avolumam no seu *corpus*, desde Fernando Pessoa em *Mensagem* (1934):

*Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez,
Senhor, falta cumprir-se Portugal!*

a Fiamma Hasse Pais Brandão em *Barcas Novas* (1967):

*Lisboa tem barcas
agora lavradas de armas
Barcas novas levam guerra
As armas não lavram terra*

ou Luiza Neto Jorge n’*Os Sítios Sitiados* (1973)

*. . . eu que não posso andar para trás
para uma zona de oceanos,
evoco qualquer lago
não suíço: suicida.*

Nessas “epopéias sumárias” o diálogo com os textos antigos é na verdade uma das características fundamentais de uma prática discursiva que pretende conciliar especificidade de uma linguagem nova e intervenção social. Por outras palavras: há nesses livros a consciência de que o conhecimento do tempo presente leva necessariamente à releitura do processo histórico, e de que as Letras desempenham importante papel nesse recuo em direção ao futuro. Ler e escrever são, portanto, práticas revolucionárias e o autor, ao identificar-se leitor de textos formadores de uma cultura comum, configura a poesia como possibilidade de pensar a relação do sujeito com a História e tentativa de responder às suas contradições.

Isto posto, não estou a falar de “influências”, mas sim da circulação de linguagens num conjunto contraditório de formas discursivas, em que o Autor é à um tempo protagonista e espectador da sua própria criação. No poema “A Camões”, diz Fiamma Hasse Pais Brandão²: “a visão que lhe instituí a real é, neste tempo, / a que me institui a mim”.

Fidelidade e intertextualidade, mas também semelhança e diferença explicitadas em outro poema: “Levando ao limite, homenagem, o gesto da escrita, posso atribuir os meus textos / a João Zorro. Existimos sobre o anterior. (...) / [...] / O progresso dos textos é epigráfico. / Lápide e versão, indistintamente.”³

3. Que Camões nos visita hoje nas festas do IV Centenário da sua morte? É interessante divulgar os versos que acompanham os convites para as solenidades:

*Ouvi: vereis o nome engrandecido
De queles de quem sois senhor superno,
E julgareis qual é mais excelente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.*
(I, 10)

*De África tem marítimos assentos;
É na Ásia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara,
E, se mais mundo houvera, lá chegara.*
(VII, 14)

Quem nos convida é o Camões de lira temperada e voz clara, o vate da raça lusitana, o poeta oficial confiante no reconhecimento de sua arte. Afinal, “Se se comemora / vêm naus da Índia / luta-se a cutelo / com a sua fímbria / por um halo velho.”⁴

Mas há outro Camões. Este geralmente barrado nas grandes comemorações:

*Não mais, Musa, não mais, que a lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.*

*O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
Duma austera, apagada e vil tristeza*
(X, 145)

O desalento do cantor da glória lusíada, na última estação de viagem, nos faz voltar de imediato a primeiras estâncias do canto: a fala do Velho do Restelo.

*Mas, ó tu, geração daquele insano
cujo pecado e desobediência
não somente do Reino soberano
Tê pôs neste desterro e triste ausência,
Mas inda doutro estado, mais que humano,
Da quieta e da simples inocência,*

*Idade de ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e de armas te deitou.”*

(IV, 98)

Vilma Arêas, em recente comunicação, diz:

Ora, o que o Velho do Restelo condena segundo sua larga experiência (. . .) é menos a política de Portugal dos mares do que as condições ali existentes quando da publicação d’Os Lusíadas. Da idade de ouro dos Descobrimentos, Portugal tinha mergulhado na idade de ferro e de armas. O poema honradamente acompanha esse percurso, registra-o.

“Idade de ferro e de armas”, repetimos, a fim de que se ouça outro canto e se descubra, para além das exigências específicas dum novo contexto, a mesma imagem (episódio de Inês de Castro):

*E se, vencendo a maura resistência,
À morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe também dar vida, com clemência,
A quem para perdê-la não fez erro.*

(III, 128)

Fogo, ferro, armas: fero amor. Inês (tomada de pavor), o Velho e o Poeta. Este desamparado, o outro colérico. Se no século XVI os três foram silenciados em nome da Pátria, agora eles nos falam da contemporaneidade d’Os Lusíadas, isto é, mais do que vozes dissonantes são hoje temas recorrentes, quando se pretende uma leitura crítica da epopéia camonianiana. *Novas Visões do Passado?* Vejamos.

As “promessas de reino e minas de ouro”, a expansão comercial, o lucro, o exótico das especiarias caboclas e orientais, a violência, “o amor enquanto acontecimento trágico-político, mortal, a história de amor a viver do crime e do sangue” estão transportadas para a atualidade em poemas de Luiza Neto Jorge e Maria Teresa Horta. Na impossibilidade de uma análise detida desses versos, registramos o que neles nos atrai.

Em 1969, ao publicar *Dezenove Recantos*⁵ (subintitulado “epopéia sumária”), Luiza Neto Jorge filia explicitamente o seu discurso a *Os Lusíadas*. São 19 recantos, portanto, onde há Proposição, Invocação, Dedicatória, Narração (Recanto 1). Sintomaticamente o “Recanto 4” dialoga com o canto IV da épica clássica:

Meu pai gritava: comeu-se demais na terra.

(. . .)

*Crescia a família e meu pai nisto:
comeu-se demais na terra. Outra imensa mesa
contornei
para saborear coisas diferentes
desses frutos de fôrnica pela manhã.*

Em Camões, o velho vociferava. Na atualidade, “o experto peito” do pai denuncia a expansão antropofágica de uma sociedade de consumo, em que o exótico de agora são os “frutos de fórmica”, pequeno luxo familiar de nossa sociedade massificada, cotidiana. Natureza antropofágica da sociedade e também do amor, presentes no “Recanto 3”, onde “O Garfo autômato niquelado” substitui a “espada fina” (Inês) “a invadir as capitais do corpo”.

*Começou então o Garfo
autômato niquelado com o freio nos dentes
a invadir as capitais do corpo.
Potência da morte violenta gritos sacões
nos olhos hemorragias nos seios
setas, setas!*

Fiama Hasse Pais Brandão também fala do assassinio da *Castro* em “Inês de Manto”⁶ e da permanência do Velho do Restelo em “Fulcro Sepulcro”⁷, reativando, assim, a circulação de linguagens que anteriormente explicitamos: “Com o saber desfeito da experiência leio o verso de experiência feito / [. . .] / ó comovida lembrança, porque se move comigo!”

Já em *Mulheres de Abril* (1977)⁸, obra que segundo sua autora, Maria Teresa Horta, “pretende ser o relato de todas as mulheres portuguesas, que o fascismo exigia sacrificadas, secundarizadas, duplamente exploradas e oprimidas. Humilhadas, violentadas todos os dias, no seu corpo, na sua inteligência, na sua dignidade”, as marcas lingüísticas de Inês, implícitas, não deixam de estar visíveis. Por exemplo:

1. *Mulheres quotidianas
são aquelas
que ao porem no mundo os filhos
sossegam o sorriso
indo de sol a sol
colhendo
fazendo o que é preciso (“Mulheres quotidianas”)*
2. *Quem te meteu
no corpo
este punhal? (“Quem?”)*
3. *Estavas na cama
com o filho deitada
chegou-se-te o homem
não te disse nada
(. . .)
Chegou-se-te o homem
mais perto, curvado
colhendo o cume do teu peito nu
tanto imaginado*

– *Marido!* – *dirias*
Que dor encontreste
de França tornado?

(“Cantar a uma mulher assassinada enquanto dormia”)



Aos poucos vão-se juntando os signos que nos identificam Inês: “sossegam”, “colhendo”, “punhal”, “estavas”, “sossego”. E diante destes versos:

*Estavas curvada
a cavar
tendo teu sossego em ti
(“Estava curvada a cavar”)*

Só nos restava ir à primeira versão:

*Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto
(III, 120)*

Estes poemas, ao tomarem Inês lugar de citação para a permanência do “fero amor”, pretendem restaurar o corpo colonizado da mulher, vítima de desajustados sociais ou criminosos políticos num país pós-revolucionário e, quando da publicação do volume, a caminho do socialismo. É importante notar que os maridos assassinos são ativistas da extrema direita, emigrados em França ou operários loucos . . . e ainda que os poemas foram inspirados em acontecimentos verídicos, como autenticam as notícias de jornais no final dos textos.

Permitam-me transcrever o testemunho de Maria do Céu Guerra, extraordinária atriz portuguesa há pouco nos palcos do Rio, sobre o porquê de um espetáculo baseado em trechos de Gil Vicente a respeito da situação da mulher:

*Pegar uma dúzia das suas mulheres,
ligá-las ao que no mais fundo as define:
a sua relação com o homem, com o medo,
com a fome, com a solidão. Mergulhar
no seu pânico e vir ao decima para
que nos ouçam dizer: ainda somos assim!
muitas⁹*

É tempo de voltar a “O sentimento dum Ocidental” para não compactuarmos com a injustiça de um século atrás.

Costumo sempre dizer que Cesário Verde foi o primeiro poeta português a sujar a via da glória nacional – o Tejo: “reluz, viscoso, o rio (. . .)”, “sai das embocaduras um sopro que arripia (. . .)”, “e o peixe podre gera os focos de infecção.”

Cesário, nas suas viagens em círculos pelas ruas de Lisboa, acaba sempre frente à beira de um rio fechado (ou como diz Fiama H.P. Brandão: “À tona de água vaporiza-se/na extensão/a parede circular do rio de Cesário”¹¹).

*E evoco, então, as crónicas navais:
mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado!*

*luta Camões no Sul, salvando um livro a nado!
Singram soberbas naus que eu não verei jamais!*

O que ele vê são os naufragados da civilização industrial, os órfãos da passada euforia expansionista. O que era episódio n'Os *Lusíadas* (Inês, O velho do Restelo, os desastres em terra causados pelas viagens marítimas) eleva-se a primeiro plano na palavra exacerbada do poeta do rigor e da análise:

*E num cardume negro, hérculeas, galhofeiras,
Correndo com firmeza, assomam as narinas.
Vêm sacudindo as ancas opulentas!
Seus troncos varonis recordam-me pilastras;
E algumas, à cabeça, embalam nas canastras
Os filhos que depois naufragam nas tormentas.*

O sentimento do ocidental Cesário Verde é um elenco de personagens à margem da revolução comercial: operários, pequena burguesia cidadina, prostitutas, emigrantes,

*Artistas despedidos, desgraçados.
Muitos! E um bêbado – O Camões – que fora
rico, e morreu a mendigar, zarolho,
Com uma pala verde sobre um olho!
Tivera ovelhas, bois, mulher, lavoura.¹²*

O próprio vaticínio de Camões de ser esquecido pela “gente surda e endurecida” encontra nos versos de Cesário a sua terrível confirmação:

*Mas num recinto público e vulgar,
Com bancos de namoro e exíguas pimenteiras,
Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras,
Um épico doutrora ascende, num pilar!*

Em suma, “viagem, viagens”: no decorrer d'Os *Lusíadas* o sujeito é ao mesmo tempo soldado-marinheiro, leme da empresa expansionista, e poeta a perder o prestígio que lhe asseguraria um porto seguro no Império celebrado por seu canto. No “Sentimento” configura-se essa viagem de “sequestro”. Tanto mais confirmada quanto mais o presente (o Tejo, Lisboa) é um espaço alheio ao anteriormente assinalado como expressão do saber e do poder.

Tempo e espaço de fechamento reiterados por Fiana Hasse Pais Brandão, em “Nova Ocidental”¹³: “O acaso fez-me presenciar de novo a transição do final / da tarde para uma noite. (. . .) Embora eu já tenha sentido saudade em certos poentes / hoje as fachadas dos prédios derrubados pela monstruosidade / da noite trazem-me o silêncio (. . .)”

ou, anteriormente, em “As obras nas fomalhas”¹⁴, poema com o qual finalizamos:

*Há rios de obras perversas como o Tejo, de barcos com destino
posto não às brumas*

*dos mares seculares cortados
mas a outras*

*de rios de súplicas,
de embarques nas praças
públicas e oceanos de aços. Nos fornos
de ferro o fogo não tem a claridade
dos ferreiros debruçados
sobre as obras da paz
o rio de vasso inunda, trazendo águas correntes
com o destino,
posto em águas lodosas do Tejo,
de trabalharem aços contudentes.*

Há nestes versos a exacerbação da diferença, através do diálogo evidente com o texto de Camões e possivelmente com o de Cesário, na medida em que para este o fogo é ainda um sinal do que existe de puro, salutar, honesto.¹⁵ Contudo, escrito nos anos da guerra colonial, o poema de Fiana reitera um país “posto em águas lodosas do Tejo, de trabalharem aços contudentes”, ou seja, a sua permanência na “idade de ferro e de armas”.

NOTAS

1. Cf. *Obras completas de Cesário Verde*. 2ª ed. Lisboa, Protugália, 1970. p. 204-5
2. *Novas Visões do Passado*. Lisboa, Assírio e Alvim, 1975. p. 51.
3. O Texto de João Zorro. Porto, Inova, 1974. p. [261].
4. *Barcas Novas*. Lisboa, Ulisseia, 1967. p. 37. “Comemorações”, poema de Fiana Hasse Pais Brandão.
5. In: *Os sítios sitiados*. Lisboa, Plátano, 1973. p. 187-249.
6. *Barcas Novas*. p. 47-8.
7. *O Texto de João Zorro*. p. 243.
8. *Mulheres de Abril*. Lisboa, Editorial Caminho, 1977.
9. *Jornal do Brasil*. Caderno B. 6 de junho de 1980. p. 3
10. *Obras completas de Cesário Verde*. p. 63-71.
11. *Homenagem à literatura*. Porto, Limiar, 1976. p. 23.
12. *Obras Completas de Cesário Verde*. “Em petiz” p. 56.
13. *Homenagem à literatura*. p. 57-8.
14. *(Este) rosto*. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1970. p. 12.
15. cf. “(. . .) E de uma padaria exala-se, inda quente, / Um cheiro salutar e honesto a pão no forno.” *Obras Completas de Cesário Verde*. p. 68.